

Quase 500 anos depois...

Ditinha Rosa

Fotos: Chico Saragiotto / Helena Tafner

É fruto de convenção mundial que as cores identifiquem e representem as nações. Isso é muito claro nos uniformes de delegações esportivas, nos adereços das torcidas durante competições internacionais, em grandes encontros dos povos...

Se voltarmos para a avifauna, esta direção de olhar, os psitacídeos, com seus trajes de penas multicoloridas são as representantes perenes do Brasil pois a predominância é o verde, o amarelo e o azul.

Segundo estatística publicada em novembro de 1990 pela Revista Globo Rural, vivem em nosso país, 74 espécies da família dos "palradores" o que nos coloca em 1º lugar, em variedade, no planeta.

Até algumas décadas atrás, viviam nas imediações da Serra Negra, apenas três espécies dessa grande família.

O gracioso tuim (*Forpus xanthopterygus*), o menor entre os seus, tendo o corpo revestido de belíssimo tom verde, diferindo o macho da companheira, pela mancha azul no dorso e nas grandes penas das asas. Habita nossas montanhas com dezenas de elementos, à beira dos riachos no

entardecer, pendurado nos cachos das sementes de vassoura, prato predileto da sua dieta alimentar ou apossando-se da casa do João-de-barro (*Furnarius rufus*), durante o período de reprodução. Cobiçado desde a chegada dos portugueses, esse bibelô vivo, é destaque já no início da exportação das riquezas brasileiras. Segundo Paulo Prado em "Retrato do Brasil" (pág. 70 – 3ª edição, 1922) "...Em 1511, a nau Bertoa que iniciava a exportação, levava, além de 5.000 toros de pau-brasil, 32 tuins e 15 papagaios."

De lá para cá, essa miniatura de ave é perseguida e comercializada como vem mostrando a mídia, em cada apreensão feita pela Polícia Ambiental.

Já o periquito-de-encontro-amarelo (*Brotogeris chiriri*), conhecido em nossa região como "periquito-coqueiro", tem porte maior que o tuim, a cauda mais comprida e se no verde o tom não difere muito, os botões amarelos no encontro das asas, completam a identificação patriótica. Passam sobre a zona urbana em pequenos grupos e alimentam-se de frutos, principalmente, do coqueiro.

O botânico, Frederico Carlos Hoene que, em viagem de estudos, esteve em Serra Negra em 1927, referindo-se à importância das palmáceas aos psitacídeos, chegou

a dizer: "...As belas araras e os policrônicos papagaios (referindo-se à família toda) jamais teriam logrado alegrar as nossas plagas, se lhes faltassem as palmeiras..."

O periquito-coqueiro usa o tronco velho da palmeira para acomodar os ovos e a polpa doce dos frutos para saciar o papo.

Voando bem mais alto, ligeiras e raras, sempre aos casais, as baitacas (*Pionus maximiliani*) são belíssimas e em tamanho, ficam pouco abaixo dos papagaios. Corpo verde escuro, pescoço e peito azulados e na cauda, quando aberta em leque, aparecem penas vermelhas. Gostam de frutos e do silêncio da mata.

Eram essas três espécies que aqui viviam e ainda vivem.

Em meados dos anos 70, surgiram ao norte do nosso município, vindas não sabemos de onde, os primeiros exemplares de uma ararinha verde, com as grandes penas das asas e da cauda, na parte inferior, tingidas de amarelo claro e no encontro das asas, as penas menores, de um vermelho vivo, muito bonito e, em alguns elementos, esse tom vermelho aparecia em forma de pintas esparsas no pescoço e no peito. João Rosa nos seus noventa e poucos anos, conhecimento empírico em assunto de aves constatou: são araguaris. Dos indígenas, ara = arara, guarí = pequena.





Filho empenado, necessitando dos cuidados do pai

Fizemos uma pesquisa sobre o novo habitante e encontramos com as mesma descrição, "periquitão maracanã" (*Aratinga leucophthalmus*), mas à página 370 de "Ornitologia Brasileira", Helmut Sick em outros nomes do "periquitão maracanã", destaca, "maricatã", "aratinga-de-bando" e, parecendo conhecer a afirmação de João Rosa, "araguarí".

Alegres, tagarelas, fazendo verdadeira algazarra nos céus durante o voo, as araguaris vieram para ficar. Afeiçãoam-se aos seres humanos com facilidade, aprendem a falar com perfeição e preferem as regiões mais habitadas para instalarem-se, onde haja plantação, fartura de alimentos em frutos e sementes.

Como todo psitacídeo, não nidificam ao relento mas também não capricham nos ninhos de forma artesanal. Importante é um buraco bem protegido em ocos de pau, nos barrancos, em frestas de telhados.

A postura é de quatro a cinco ovos e os filhotes, até bem empenados, dependem dos pais para alimentarem-se e estes, não medem esforços para que a prole cresça forte e sadia.

Pesa sobre estas ararinhas muitas denúncias, de donos de casa em construção e de proprietários rurais, pois se aos primeiros, o problema aparece com a ocupação do espaço entre a laje e o telhado da obra inacabada, sendo destruída toda fiação da rede elétrica, aos segundos, o prejuízo acontece quando o bando derriça frutos em formação quer de pomares ou de lavouras.

Parece que isso vem de muito tempo... Em 1788, o Marechal J. Arouche de Toledo Rendonas, em "Reflexões sobre o estado em que se achava a agricultura na capitania de São Paulo", cita "Araguarí" como vilão responsável ao lado de outros membros da família de bico redondo, pela destruição da quarta parte da colheita de grãos da capitania.

Entretanto, são aves fiéis, dóceis e, se durante a primavera e verão acomodam-se aos casais para reprodução, no outono e inverno reúnem-se em grupos de centenas de

elementos, formando atualmente, os maiores bandos que habitam nossas montanhas, fazendo jus a tal registro.

De forma proposital, no intervalo de uma rocinha de milho, no terreno lateral de nossa casa, aqui em Serra Negra, plantamos sementes de girassol pois sabíamos da predileção alimentar do bando.

Milho e girassol cresceram juntos e se as espigas de milho não foram por elas nem tocadas, do girassol não restou uma semente.

Padre José de Anchieta registrou em 1560 sobre papagaios o que transcrevemos na revista nº 63, mas que voltamos a frisar alguns parágrafos pela importância que vemos em uma espécie conservar os costumes, as raízes, por instinto ou devoção às riquezas recebidas de gerações que precederam e que o tempo não consegue apagar.

Que sensibilidade possuía o santo jesuíta para observar: "...Os papagaios...quando voam em bando para comer, sempre fica um ou dois, no cimo de uma árvore como atalaia, vigiando todos os lados; se vêm aproximar alguém dão sinal de retirada e todos fogem, se não há perigo, aqueles quando estiverem fartos sobem e descem os vigias a comer."

Os araguais repetiram; na rocinha de girassol, exatamente o que escreveu o sábio jesuíta, quase 500 anos depois...•



Estes vigiam, enquanto os outros comem